



9 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 10 de fevereiro de 2022

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na quarta-feira	Capital de giro Na quarta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,2% São Paulo	112.245 / 112.461	R\$ 1.212	3/fevereiro 5,295 4/fevereiro 5,322 7/fevereiro 5,255 8/fevereiro 5,261	R\$ 5,975	6,76%	10,84%	Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25 Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54
	4/2 7/2 8/2 9/2		Na quarta-feira				
			R\$ 5,227 (-0,64%)				

CONJUNTURA

Alimentos puxam inflação em janeiro

IPCA desacelera, mas índice de 0,54% é o maior para o mês desde 2016. Em 12 meses, alta acumulada chega a 10,38%

» FERNANDA STRICKLAND

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do país, desacelerou para 0,54% em janeiro, após ficar em 0,73% em dezembro do ano passado, mas foi o maior resultado para o mês desde 2016. Nos últimos 12 meses, o indicador acumula alta de 10,38%, acima dos 10,06% registrados nos 12 meses imediatamente anteriores. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A alta foi influenciada, principalmente, pelo grupo alimentação e bebidas, que subiu 1,11% e teve o maior impacto no índice do mês (0,23 pontos percentuais). Entre os alimentos, os principais destaques de alta ficaram com as carnes (alta de 1,32%) e as frutas (3,40%). Além disso, os preços do café moído (4,75%) subiram pelo 11º mês consecutivo, acumulando elevação de 56,87% nos últimos 12 meses. Cenoura, (27,64%), cebola (12,43%), batata-inglesa (9,65%) e tomate (6,21%) também tiveram aumentos expressivos.

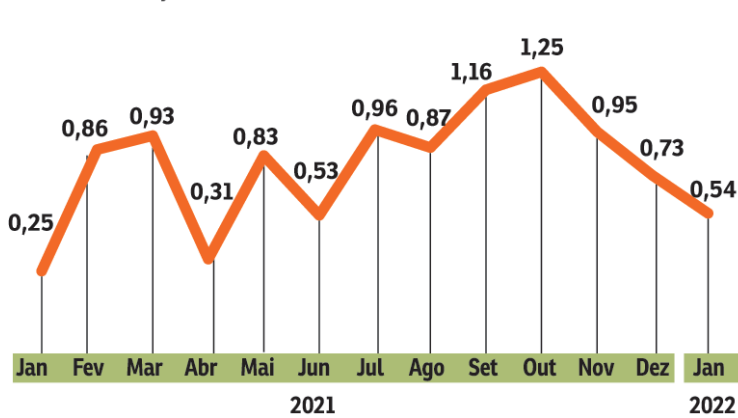
Segundo o economista André Braz, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o efeito da alta dos alimentos é temporário. “Os produtos de feira livre normalmente sobem durante o verão, mas depois costumam cair de preço. Desta forma o efeito não é permanente, portanto não chega a comprometer a inflação de 2022”, disse.

Braz observou, porém, que os preços dos bens duráveis chamaram a atenção. “Os carros novos e usados continua subindo, os artigos de residência e eletrodomésticos também aumentaram no mês. Isso mostra os espalhamentos das pressões inflacionárias”, salientou. Segundo o IBGE, 73%

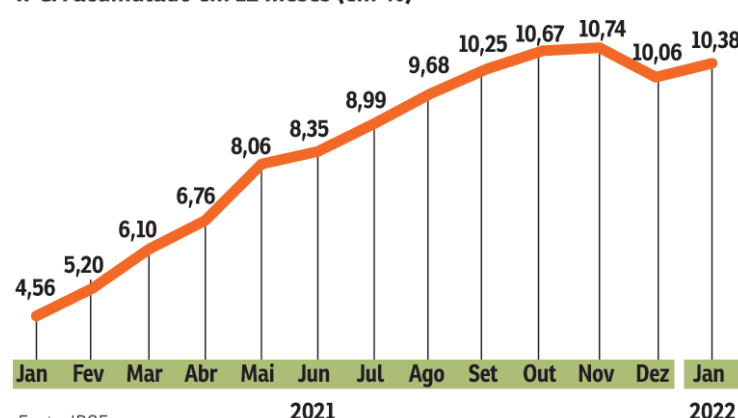
Dragão persistente

A inflação desacelerou para 0,54% em janeiro, após ficar em 0,73% em dezembro, mas foi a maior taxa para o primeiro mês do ano desde 2016. Nos últimos 12 meses, o índice acumula alta de 10,38%

IPCA — Variação sobre o mês anterior (em %)



IPCA acumulado em 12 meses (em %)



Fonte: IBGE

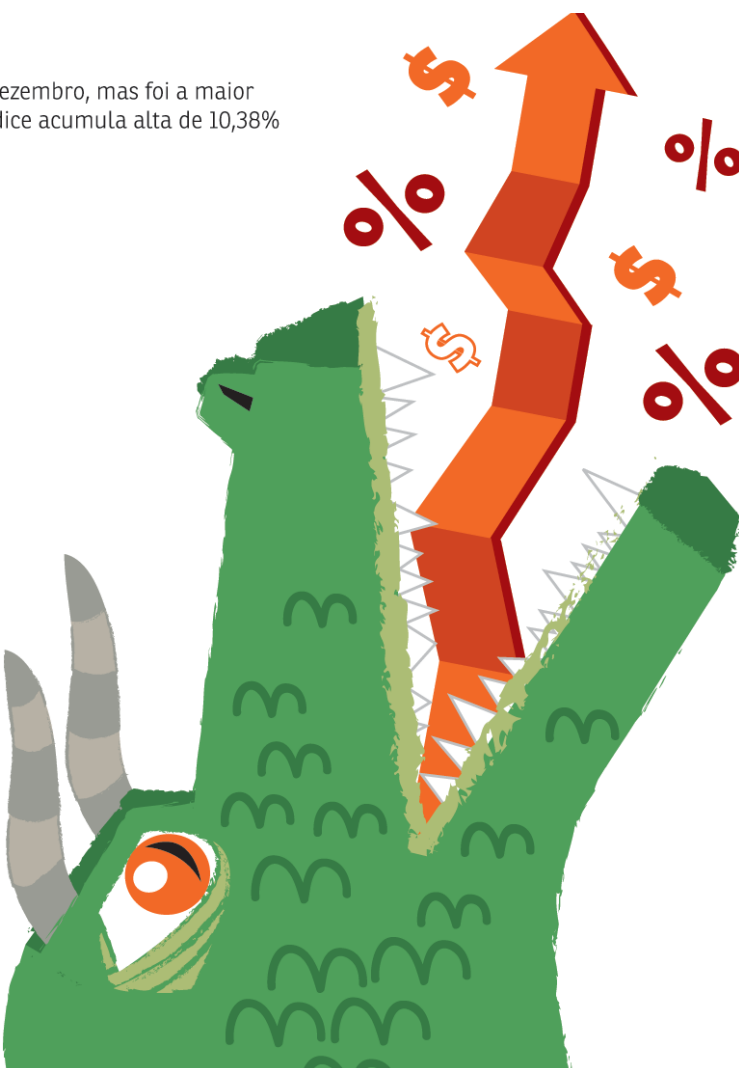
dos itens pesquisados tiveram aumento de preços em janeiro.

O grupo transportes, por sua vez, ajudou a segurar o índice, ao apresentar recuo de 0,11%. Esse foi o único dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados a ter queda em janeiro. O recuo é consequência, principalmente, da queda nos preços das passagens aéreas (-18,35%) e dos combustíveis (-1,23%). Além da gasolina (-1,14%), também caíram os preços do etanol (-2,84%) e do gás veicular (-0,86%). O óleo diesel (2,38%) foi o único a subir em janeiro. Outros

destaques negativos foram os recuos dos transportes por aplicativo (-17,96%) e o aluguel de veículos (-3,79%).

O estudante Manuel de Freitas, 25 anos, residente no Gama (DF), contou que acabou de chegar de uma viagem. “Comprei as passagens ainda em 2021, aproveitando uma promoção, pois elas estão bem caras”, disse.

O analista da pesquisa do IBGE, André Filipe Almeida, explicou que contribuíram para a queda dos combustíveis os reajustes negativos aplicados nas refinarias pela Petrobras em dezembro. “Isso ajuda



Paralisação de servidor no BC

Servidores do Banco Central (BC), realizaram uma paralisação, entre as 8h e as 12h de ontem. O objetivo do ato foi “de advertência” e contra o “segregacionismo salarial” do governo federal, segundo o presidente do Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal), Fábio Faiad. De acordo com ele, houve uma sinalização de uma nova reunião com o presidente da instituição, Roberto Campos Neto, na próxima semana. “Já demos um recado claro ao governo: reajuste agora ou greve em março”, declarou.

O Sinal mantém um indicativo de greve, por tempo indeterminado, a partir de 9 do próximo mês caso não haja resposta do governo às reivindicações dos servidores da autarquia. “A última conversa que tivemos com o presidente do BC foi produtiva e positiva. E acreditamos que a próxima reunião, a ocorrer nos próximos dias traga avanços”, ressaltou Faiad. Além de reajuste salarial, os servidores da autarquia querem a reestruturação das carreiras de analistas e técnicos.

Contudo, o presidente do Sinal disse que o gargalo das negociações não está na instituição bancária, mas, sim, no governo. “As últimas declarações do presidente Jair Bolsonaro, do deputado Ricardo Barros (líder do governo na Câmara) e dos ministros Ciro Nogueira (Casa Civil) e Paulo Guedes (Economia) sugerem que reajuste de salários será dado somente para os policiais federais, excluindo os servidores do BC”, afirmou. “Por isso, estamos com o indicativo de nova paralisação parcial no próximo dia 24”, acrescentou. “Esperamos uma resposta concreta do governo até o dia 24. Caso contrário, passaremos a debater a proposta de greve por tempo indeterminado a partir de 9 de março, com a entrega dos cargos em comissão na mesma data”, completou Faiad.

De acordo com o sindicato, os serviços essenciais não deixaram de ser realizados e paralisação de ontem não trouxe prejuízo efetivo às atividades do BC. “A mesa de monitoramento do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB) em São Paulo (SP) teve que ser movida para Brasília. Não houve efetivo prejuízo mas aumento de risco operacional”, explicou.

Expectativas

Para a nova paralisação, o sindicato espera, no mínimo, a adesão de 70% dos servidores e 70% de adesão às listas de entrega e de não-assunção das comissões. “Alguns serviços poderão ser interrompidos, mas não podemos dizer ainda quais, pois isso atrapalha a organização do movimento”, pontuou Faiad. (FS)

Vendas do comércio sobem 1,4% em 2021

Um dos setores mais fortemente impactados pela pandemia, o comércio varejista registrou queda de 0,1% nas vendas em dezembro, mas conseguiu fechar o ano de 2021 acumulando crescimento de 1,4% em relação a 2020. Assim, 2021 foi o quinto ano consecutivo de resultados positivos para o varejo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O setor, porém, terminou o ano passado em desaceleração. Depois de uma alta de 6,7% no primeiro semestre, as vendas recuaram 3% na segunda metade de 2021, e ficaram 2,3% abaixo do patamar de antes da pandemia. O comportamento foi inverso ao de 2020, que teve queda no primeiro semestre (-3,2%) e alta no segundo (5,1%).

Quando se considera o conceito de comércio varejista ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças e material de construção, o volume de vendas em cresceu 0,3% em dezembro, na comparação com o mês anterior. No ano, houve um aumento acumulado de 4,5% — puxado por uma expansão de 14,9% em veículos e motos e de 4,4% em material de construção.

Para Homero Azevedo Guizzo economista da Terra Investimentos, o desempenho do varejo restrito foi bastante heterogêneo e não há sinais de crescimento inequívoco à frente. “A, a recuperação do mercado de trabalho não tem sido suficiente para ensinar

o crescimento sustentado da massa salarial real, que seria o principal vento de proa para o desempenho do varejo nos próximos trimestres”, assinalou.

De acordo com os dados do IBGE, quatro segmentos fecharam o ano de 2021 com retração: livros, jornais, revistas e papelaria (-16,9%), móveis e eletrodomésticos (-7,0%), hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-2,6%) e equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-2,0%).

Segundo Cristiano Santos, o setor ainda enfrenta dificuldades para se adaptar ao rearranjo no consumo provocado pela pandemia. “Houve uma antecipação de compras por parte dos consumidores, que resultou em um crescimento rápido seguido de queda. Além desse deslocamento do consumo, o setor sofre interferência da alta do dólar e da redução da renda e, portanto, do poder de consumo da população”, avaliou. (FS)

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Supermercados fecharam o ano passado em queda